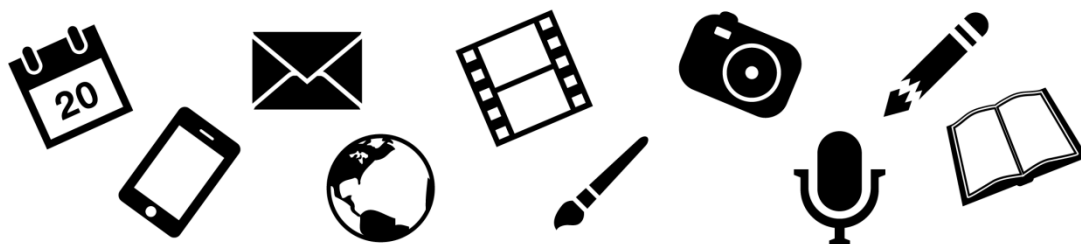




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

13, 14 e 15 de setembro de 2014

Fé / Poder da cunha / Benzedeiros / Grande Florianópolis / Brasil / Jesuítas / Curandeiros / Florianópolis / Tradição / Núcleo de Estudos Açorianos / NEA / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Joi Cletison / Açorianos / Médico / Pântano do Sul / Ratores / Ribeirão da Ilha / Letícia Grala / Ilda Martinha Vieira / Tia Ilda / Ilha de SC / Bar do Arantes / Giancarlo Cazzaro / Mercado Público / Jesus Cristo / Inácio de Oliveira / Deus / Argentina / Internet

FÉ | PODER DA CURA

XAMÃS URBANOS

'POPULAÇÃO AINDA RECORRE a benzedeiros quando a ciência não é suficiente para resolver um problema e na Grande Florianópolis a tradição ainda é forte e atrai turistas estrangeiros em busca de cura e purificação

GUTO KUERTEN
guto.kuerten@diario.com.br

A disposição e a generosidade são características marcantes destes seres iluminados, de sensibilidade e compreensão cativantes. Sem ganhar nada em troca, as benzedeadas recebem diariamente dezenas de pessoas em busca de curas para diferentes tipos de problemas, os mais comuns são cobreiro, mal olhado, calor de figo e zipira.

Apesar de os benzedeados terem surgido no Brasil no século 16, com a chegada dos jesuítas, a fé nos curandeiros permanece inabalada, como a força de suas palavras que ecoam como remédio.

Em Florianópolis a tradição ainda é forte. O mapeamento mais recente sobre o número de benzedeadas na cidade, concluído em 2002 pelo Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), constatou que a cidade tinha cerca de 40 benzedeadas (naquela ocasião). No litoral do Estado, o número chegava a 80.

Segundo Joi Cletison, diretor do NEA e historiador, a tradição chegou ao litoral com os açorianos.

COSTUME HÁ MAIS DE UM SÉCULO

O historiador lembra que há 30 anos era comum as pessoas em Florianópolis procurarem primeiro as benzedeadas para resolver as enfermidades e partirem em busca de um médico apenas se isso não funcionasse. Segundo Cletison, as comunidades mais preservadas da Capital mantêm a tradição como Pântano do Sul, Ratores e Ribeirão da Ilha.

A antropóloga Letícia Grala fez uma dissertação de mestrado sobre as benzedeadas em 2013 e, após o tempo de estudo, concluiu que a prática não vai desaparecer.

– Não é algo à toa. Vem de muito tempo. Sofreu apenas modificações em cada geração. É uma fala que cura com a intenção de fazer o bem – afirma.



Ilda Martinha Vieira, de 102 anos, atende dezenas de pessoas por dia e é procurada até por turistas

Pântano do Sul tem uma das curandeadas mais antigas da Ilha

Ilda Martinha Vieira, conhecida como tia Ilda, de 102 anos, é uma das benzedeadas mais antigas da Ilha de SC. A moradora do Pântano do Sul aprendeu a arte de afastar os males e aliviar as dores e sofrimentos com a mãe. Ela encanta com a forma de passar sua energia positiva e com o sotaque carregado de manezinha.

Todas as tardes Ilda sai de casa para ver novela no Bar do Arantes, no Pântano do Sul. Num cantinho especial recebe as pessoas. Mas ela atende em qualquer lugar. E a procura é grande e chega de formas inusitadas.

No encontro da equipe do DC com dona Ilda ela atendia um turista italiano, Giancarlo Cazza-

ro, 54 anos. De férias na Ilha, ele soube da tia Ilda durante uma visita ao Mercado Público e foi procurar atendimento.

– Não tem como explicar o que senti ao receber o atendimento dela. Não acreditava que ainda poderia encontrar alguém com esse dom – diz emocionado.

A forma como Ilda entoava as palavras remete aos mantras. Ela evoca o divino com o sinal da cruz, menciona os santos apóstolos e Jesus Cristo e depois começa uma fala mansa.

– Desde que aprendi com minha mãe e meu avô, Inácio de Oliveira, faço isso porque devo dar o que ganhei. Talvez seja um dom que recebi de Deus e eu tenha

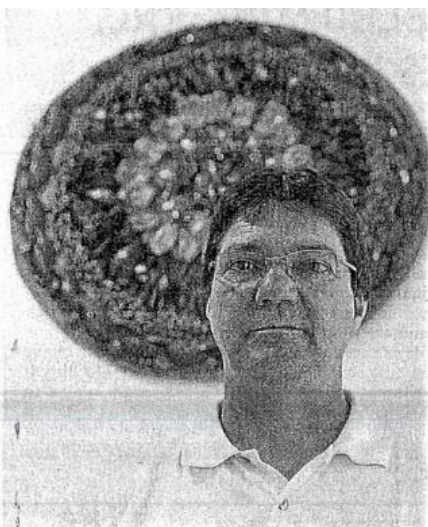
que dar o bem para as pessoas. Nunca vi Deus. Rezo muito para ele, para os santos e para os meus anjos da guarda. Todos gostam muito de mim – diz.

Fatos curiosos são corriqueiros na rotina de Ilda como a história de dois argentinos que começaram um processo de cura, mas tiveram de retornar para a Argentina. A benção então, foi finalizada pela internet.

– Eles foram embora e faltou uma das três rezas. Foi então que recebi o pedido deles para a receberem pela internet. Coloquei a imagem deles no computador ao vivo e ela encorrou a benzedura –

SEGUE NA PÁGINA XX

Crença / Carlos Carvalho / Calor de Figo / Cobreiro / Herpes zóster / Catapora / Quebrante / Zipra / Virose / Paraná / Cirurgia / Cachoeira do Bom Jesus / Florianópolis / Atendimento espiritual / Pedro Luiz Schmidt



Carlos Carvalho afirma ter descoberto o dom aos quatro anos

Quando a crença é a auxiliar da ciência

Carlos Carvalho, 51 anos, descobriu o dom para benzer as outras pessoas aos quatro anos. Até os 12, atendeu pacientes onde morava no Paraná. Parou por motivos particulares e voltou a praticar a atividade em 2007, depois de um grave acidente.

– Minha bacia quebrou em dez lugares e tive hemorragia interna. Fiquei 26 dias internado com os médicos desejando fazer cirurgia. Foi quando recebi uma cirurgia espiritual e comecei a melhorar.

Ele afirma que depois do episódio prometeu voltar a atender a outras pessoas. Atualmente, ele recebe uma média de 100 pessoas por dia na Cachoeira do Bom Jesus, Norte de Florianópolis.

– Sou procurado por pessoas de todas as classes sociais e religiões. Presto todo tipo de atendimento espiritual – diz.

Para o médico sanitarista e acupunturista Pedro Luiz Schmidt, muitas pessoas procuram benzedeiros porque alguns médicos

não conversam o suficiente com os pacientes.

– Às vezes o profissional não pergunta porquê dói. Recebe as informações e em menos de cinco minutos acaba a consulta com a receita de um medicamento – afirma o médico.

Para Schmidt, em determinados casos o médico não consegue falar a língua do paciente e isso dificulta o tratamento. Nesses casos, os benzedeiros conseguem se aproximar da população.

FÉ PODE AJUDAR NO PROCESSO

Por acreditar que a fé pode ajudar no processo de cura, Schmidt diz já ter encaminhado pacientes para benzedeiros. Para o médico, o resultado foi satisfatório.

Para o médico paranaense, há casos em que a ciência já foi até onde deveria ir e não resolveu um caso. A partir daí, outros conhecimentos devem ser procurados. ■

GLOSSÁRIO

CALOR DE FIGO

- Calcanhar rachado, rachaduras na pele

COBREIRO

- Herpes zóster – tipo de herpes causada quando o vírus da catapora fica incubado durante anos e se manifesta novamente

QUEBRANTE

- Uma distensão muscular que rompe fibras musculares

ZIPRA

- Virose com sintomas parecidos com os da herpes

Fonte: Médico sanitarista Pedro Luiz Schmidt.

diario.com.br

Assista a um trecho da conversa com a benzedeira Ilda Martinha Vieira em vídeo no site do Diário Catarinense

Notícias do Dia Cidade

“UFSC divulga vestibular 2015”

UFSC / Vestibular 2015 / Graduação / Inscrições / Universidade Federal de Santa Catarina / Florianópolis / Araranguá / Blumenau / Curitibanos / Joinville / Internet / Santa Catarina / Grande Florianópolis / Enem / Exame Nacional do Ensino Médio / Política de Ações Afirmativas / Indígenas / Rede pública

UFSC divulga vestibular 2015

Inscrições. Candidatos têm 6.511 vagas disponíveis em 98 cursos de graduação

A UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) abre terça-feira as inscrições para o vestibular 2015. Os candidatos concorrerão a 6.511 vagas presenciais de graduação distribuídas em 98 cursos nos campi de Florianópolis, Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville. As inscrições só poderão ser feitas pela internet (www.vestibular2015.ufsc.br), até 15 de outubro. A taxa de inscrição é de R\$ 105, com exceção dos cursos de licenciatura e de pedagogia, que têm taxas de R\$ 52,50.

As provas serão realizadas nos dias 13, 14 e 15 de dezembro, com início às 14h e duração de quatro horas por dia em 23 cidades de Santa Catarina. Quem optar por fazer as provas na Capital poderá ser distribuído em escolas da Grande Florianópolis, dependendo do espaço físico e do CEP indicado no requerimento de inscrição.

Os candidatos que quiserem utilizar a nota do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de

2012, 2013 ou 2014 ou concorrer às vagas da PAA (Política de Ações Afirmativas) deverão destacar as escolhas na opção requerimento de inscrição. Do total das vagas, são reservadas 37,5% de cada curso/turno a candidatos que cursaram o ensino médio em escolas públicas; 10% aos autodeclarados negros que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas e 16 vagas suplementares a candidatos autodeclarados indígenas. Os optantes pela PAA também concorrerão às vagas da classificação geral.

Os inscritos poderão requerer isenção total do pagamento da taxa de inscrição por meio da inscrição no CadÚnico ou nos termos da lei 12.799/2013, que garante gratuidade a quem tem renda familiar *per capita* igual ou inferior a um salário mínimo e meio e a quem cursou o ensino médio completo em escola da rede pública ou como bolsista integral em rede privada. A solicitação deve ser feita pelo site até 6 de outubro.



DEBORA TEIXEIRA/ARQUIVIANO

Concurso. Provas serão realizadas em dezembro, durante três dias

UNIVERSIDADE

Candidatos podem se inscrever a partir de terça-feira

- **Inscrições:** 16 de setembro a 15 de outubro pelo site www.vestibular2015.ufsc.br (só serão validadas após o pagamento da taxa)
- **Valor:** R\$ 105 (licenciaturas e curso de pedagogia, R\$ 52,50). Pedidos de isenção devem ser solicitados pelo site até 6 de outubro

Provas

13 de dezembro

Língua portuguesa e literatura brasileira

ou libras: 12 questões
Segunda língua (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, libras ou língua portuguesa e literatura brasileira): oito questões
Matemática e biologia: dez questões cada

14 de dezembro

História, geografia, física e química: dez questões cada

15 de dezembro

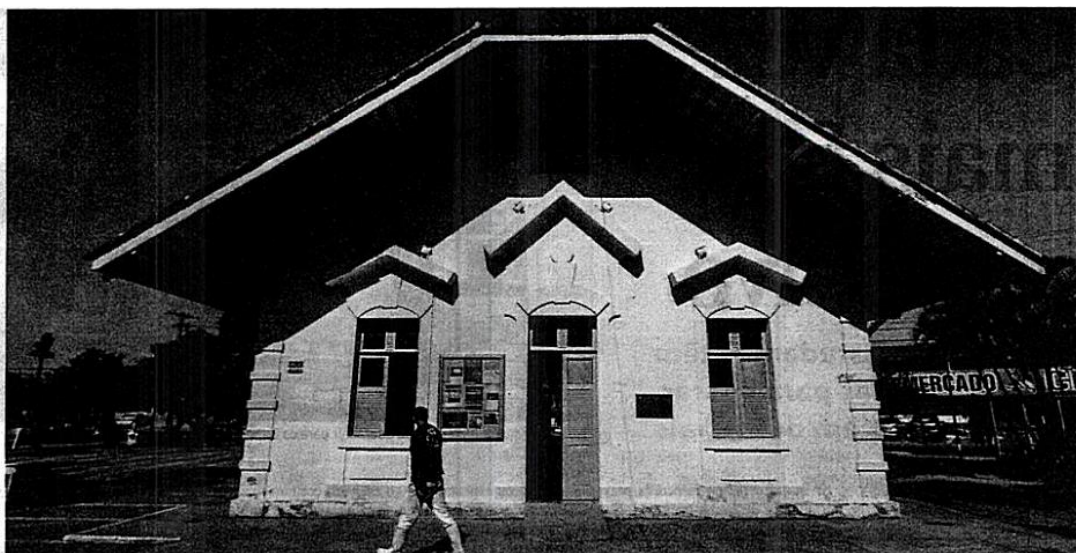
Redação e quatro questões discursivas
● **Locais das provas:** Florianópolis, Araranguá, Blumenau, Brusque, Caçador, Balneário Camboriú, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Itajaí, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Lages, Rio do Sul, São Miguel do Oeste e Tubarão

● **Informações:** no site do vestibular, pelo e-mail vestibular2015@coperve.ufsc.br ou pelo telefone (48) 3721-9200

Notícias do Dia Especial "Ponto de Encontro"

Centro Cultural Bento Silvério / Lagoa da Conceição / Casarão da Lagoa / Casa das Máquinas / Ilha de Santa Catarina / Renda de bilro / Graça Sodré / Maria de Lourdes de Jesus / Patrimônio histórico e arquitetônico / Florianópolis / Fundação Franklin Cascaes / Carlos Henrique Geller / Secretaria de Obras da Capital / Restauração / Lagoa da Conceição / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Entropia e Evasão: Contos / Rua Henrique Veras do Nascimento

Patrimônio histórico. Espaço está aberto das 13h às 19h



Ponto de encontro

Bento Silvério. Centro cultural é uma das principais referências da Lagoa da Conceição

“ De manhã também sempre tem alguém aqui (no casarão), se a pessoa quiser pegar um livro ou ler um jornal.”
CARLOS HENRIQUE GELLER,
GERENTE DO CENTRO CULTURAL

LEONARDO THOMÉ

leonardo.thome@noticiasdodia.com.br
@ND_online

Inaugurado em 1912, o prédio histórico onde funciona o Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição, consegue preservar, além das características típicas do período pós-revolução industrial, um pouco das manifestações artísticas e culturais que estão intimamente ligadas à história local. Ponto de encontro de rendeiras, músicos, artistas e gente de toda a comunidade, o centro também conhecido como Casarão da Lagoa, do qual ainda faz parte a Casa das Máquinas, oferece gratuitamente à população cursos e oficinas que resgatam os usos e costumes típicos da Ilha de Santa Catarina, em especial a renda e os bordados.

É na sala das rendeiras que semanalmente, às quartas e sextas-feiras, um grupo de mulheres da Lagoa se reúne para praticar o trabalho manual da renda de bilro e tramoias. Com espaços para produção e comercialização do artesanato, o local é ponto de encontros para pessoas como Graça Sodré, 55, que na sexta-feira produz uma peça que irá ornamen-

tar uma bandeja em sua casa.

No Casarão, as tardes de Graça e suas amigas passam devagar, trazendo na memória das rendeiras uma época que não volta mais. “Quando eu era criança, uma de nossas diversões aqui em frente ao Casarão era contar nos dedos os carros que passavam aos fins de semana, porque naquele tempo era tão raro o movimento que isso nos divertia”, conta a professora de Graça, a rendeira Maria de Lourdes de Jesus, 62.

Tombado como patrimônio histórico e arquitetônico de Florianópolis em 1985, o Casarão sedia também a Fundação Franklin Cascaes, que administra o Centro Cultural Bento Silvério. Além do espaço das rendeiras, o centro cultural conta ainda com uma biblioteca para as crianças da comunidade, espaço de shows na Casa de Máquinas e, em breve, sala virtual com oito computadores e internet grátis para a criançada. “A intenção principal do espaço, que é preservar a memória de Bento Silvério e as tradições de nossa cidade, como as rendeiras e apresentações tipicamente açorianas, está sendo cumprida à risca”, conta Carlos Henrique Geller, o Caique, gerente do Centro Cultural Bento Silvério.



Sala das rendeiras. Maria de Lourdes de Jesus ensina a fazer renda

Última reforma foi realizada em 1985

Apesar de ser um patrimônio histórico de Florianópolis, o prédio do Casarão da Lagoa não passa por uma manutenção estrutural desde 1985. São 29 anos sem reforma, o que traz consequências que podem ser vistas no forro, nas portas com cupim e na fachada com algumas pichações.

Carlos Henrique Geller afirma que a Fundação Franklin Cascaes conseguiu junto à secretaria de Obras

da Capital uma previsão orçamentária para dar início à restauração do casarão, que compreende a parte do prédio, portas e sistema elétrico. Ele lembra que é preciso buscar empresas especializadas em restauro de obras antigas. “Estamos trabalhando junto à prefeitura para fazer as melhorias necessárias no prédio, que é um marco da cultura e história da Lagoa e de Florianópolis”, diz Caique.

Quem foi Bento Silvério

Nascido em 5 de março de 1951, o jornalista Bento Silvério era nativo do distrito da Lagoa da Conceição. Foi um dos mais respeitáveis repórteres políticos de Santa Catarina e destacou-se em concursos de contos na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), nos quais foi premiado em

diversas ocasiões. Uma de suas obras mais conhecidas é “Entropia e Evasão: Contos”, publicada pela UFSC em 1980. O centro cultural Bento Silvério, que recebeu o nome do jornalista após sua morte, em 1987, está localizado na rua Henrique Veras do Nascimento, número 50, no centrinho da Lagoa.

Notícias do Dia

Eleição

“Voto consciente da terceira idade”

Expectativa de vida / Políticas públicas / Idosos / IDHM / Índice de Desenvolvimento Humano Municipal / Saúde pública / Neti / Núcleo de Estudos da Terceira Idade / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Nelson Frederico Seiffert / Voto / Terceira idade / Alba Mazzola / Ilario Moretto / Leny Baessa Nunes / Conselho do Idoso de Florianópolis / Eddy Ferreira de Souza / Sonia Bueno / Eloá Vahl / Maria Bernadete Vianna Silva / Aécio Neves / Dilma Rousseff / Marina Silva / Eduardo Jorge / Raimundo Colombo / Paulo Bauer / Claudio Vignatti / Elpídio Neves / Lazer / Educação / Esporte / Sociedade / João Gregório de Bem / Vilson Manoel dos Santos / Nelson Frederico Seiffert / OAB / Ordem dos Advogados do Brasil

Capa

Eleições 2014



VOZ ATIVA. Grupo de participantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC criou documento entregue a partidos, entidades e ao Congresso

Voto consciente da terceira idade

Aumento da expectativa de vida exige
novas políticas públicas. Caderno especial



OPINIÕES
Professor Nelson (à esq.) e alunos Eloá, Eddy, João, Wilson, Alba, Vanda, Lenny, Maristela e Bernadete participaram do bate-papo

Idosos ativos na decisão política

Aumento na expectativa de vida e maior inserção na sociedade leva à participação mais efetiva nas eleições

STEFANI CEOLLA
stefani.ceolla@noticiasdodia.com.br

A expectativa de vida do brasileiro aumentou pouco mais de nove anos entre 1991 e 2010, segundo dados do IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). O número reflete o crescimento da qualidade de vida, a melhoria do acesso a serviços essenciais, como saúde pública, e a maior inserção do idoso na sociedade. Mais do que isso: mostra que eles querem viver mais.

É o que confirmam os frequentadores do Neti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Para eles, os serviços oferecidos pelo poder público ainda estão longe do ideal. Reclamam da aposentadoria, do preço dos remédios e dos problemas de acessibilidade. Mas reconhecem que estão mais ativos, dispostos, saudáveis e independentes.

Eles querem ser tão ouvidos quanto todos os integrantes da sociedade. Por isso formam grupos e debatem a situação em que vivem. Esperam que suas reivindicações virem pauta dos governantes.

Nesta semana, o ND fez uma mesa redonda com idosos que frequentam o Neti. Eles falaram de interesse pela política, apontaram o que é prioritário e mostraram a visão que têm do país. Politizados, conscientes da importância do voto, a maioria exerce este direito, mesmo quando a idade os desobriga. Ainda acham que podem ajudar a decidir o futuro do país. E querem passar isso às futuras gerações.

Mais que dialogar, eles decidiram enviar suas demandas a quem interessa. No primeiro semestre deste ano, o Neti realizou um curso de formação política, ministrado pelo professor Nelson Frederico Seiffert. Do curso saiu um ofício que foi enviado para entidades, partidos políticos e Congresso.

"Foi uma atividade inovadora. Me surpreendeu o engajamento", avalia o professor. "Temos em mente que poderemos apoiar os partidos e postulantes a cargos eletivos que efetivamente incluírem em suas propostas de atuação política e estiverem comprometidos com tais demandas", diz o ofício. "Ao mesmo tempo, caso eleitos, estaremos acompanhando o seu desempenho no exercício do cargo", prometeram também no documento.

PROPOSTAS

Principais temas do ofício produzido pelos integrantes do Neti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC

- Capacitação profissional para a terceira idade
- Facilidade no acesso à Justiça
- Implantação da Política Nacional do Idoso

* Leia mais nas páginas 4 e 5



Flávio Moretto



José Gregório de Bem



Wilson Manoel dos Santos



Alba Mazzola



Eddy de Souza

Voto é ferramenta para

Com maior ou menor interesse pelo processo político, idosos apresentam necessidades e anseios

STEFANI CEOLLA
stefani.ceolla@noticiasdodia.com.br

Eles cumprem seu papel social. Trabalharam a vida toda, aposentaram-se, participam de grupos que defendem a terceira idade, são ativos e atuantes. E querem um retorno por isso. Nesta semana, o *Notícias do Dia* realizou uma mesa redonda com idosos que participam do Neti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Eles falaram do interesse pela política, comentaram as eleições e disseram o que esperam dos governantes. Demonstraram decepção, mas também esperança. Acreditam que virar as costas para a política não é a melhor solução.

Entre os idosos que fazem parte do grupo que debateu o tema, Alba Mazzola, 77, foi a única que admitiu não se interessar por política. "É um tema cansativo", justifica. Os demais concordaram, mas mostraram o outro lado. "Temos problemas políticos justamente pela omissão do eleitor", pondera Ilario Moretto, 62. Para ele, é fundamental acompanhar a política no dia a dia.

Leny Baessa Nunes, 78, é um exemplo de envolvimento político. Atuante em vários grupos voltados à terceira idade, é atualmente presidente do Conselho do Idoso de Florianópolis. Reflete que é preciso votar, envolver-se, ajudar a decidir os rumos do país. Admite, porém, certo descontentamento. "Políticas públicas existem, as leis são maravilhosas, mas muito pouco sai do papel", analisa.

Eddy Ferreira de Souza, 84, era a mais idosa do grupo. Passou por muitos momentos importantes da política nacional, como a ditadura e a retomada da democracia por meio da eleição direta. Apesar disso, não vê o momento atual como positivo. "Prometem uma coisa e quando assumem o poder, fazem outra", critica. O maior problema, tanto para Eddy quanto para Alba, é a falta de qualificação dos

políticos. "Para qualquer profissão é exigida escolaridade. Para o político não", reclama Eddy. Em bom estado de saúde, ativa, ela é a primeira a chegar ao Neti. Mesmo assim, não faz questão de votar. "Não sou mais obrigada e não tenho mais interesse", afirma Eddy.

Compromisso com a urna

Eddy é a exceção do grupo. Os demais pretendem votar, apesar de mostrarem-se indecisos. Carmen Lucia, 62, sugere que o eleitor vote de forma consciente. A opinião é a mesma de Arlete Mazon Buratto, 62. "O voto para mim é uma escolha que tem que ser independente de partido ou de interesse pessoal", afirma. Para ela, a política está em tudo. "Eu tenho que fazer política em casa, no bairro onde eu moro, no grupo de que participo. Não posso ignorar", opina. Sonia Bueno, 63, comunga da insatisfação com os representantes que outras colegas demonstram, mas não deixa de exercer seu direito: "Eu voto sempre com esperança".

Ao discutir política e o que esperam dos governantes, eles falam de seu cotidiano. Para os idosos, a saúde é prioritária. Garantem, no entanto, que os serviços melhoraram. Eloá Vahl, 77, encontra nos postos de saúde a maior parte dos remédios de que precisa. Maria Bernadete Vianna Silva, 65, também. Elogiam também o acesso a médicos e exames. "As coisas nesse sentido já melhoraram", reflete Bernadete.

A mobilidade urbana e acessibilidade também são temas que interessam. Alba dá aulas de bordado longe de casa duas vezes por semana e usa o ônibus como meio de transporte. Já discutiu com cobrador e motorista, mas diz que, em geral, o serviço é bom. "As pessoas respeitam", avalia.

Outro tema que interfere diretamente em suas vidas é a aposentadoria. Segundo eles, o cálculo de reajuste não segue o mesmo do salário mínimo. Eles querem mais.

“

"Eu voto sempre com esperança."

SONIA BUENO

"Temos problemas justamente pela omissão do eleitor."

ILARIO MORETTO

"Muitos acham que exercer a democracia vai só até o direito ao voto."

NELSON SEIFFERT

"A política é um tema cansativo."

ALBA MAZZOLÁ



Eloá Vahl



Lany Nunes



Maria Bernadete Silva



Maristela de Souza



Vanda Araújo

a alcançar prioridades



PROPOSTAS PARA OS IDOSOS

Nem todos os candidatos propõem ações voltadas a este grupo da população

Presidência da República

Aécio Neves (PSDB)

Defende a implementação da política pública de cuidadores. Garantia de acesso a todas as tecnologias assistivas que melhorem a vida das pessoas com deficiência e dos idosos. Elaboração do 4º Plano Nacional dos Direitos Humanos, que afetam idosos.

Dilma Rousseff (PT)

Não cita os idosos. Diz que a luta pelos direitos humanos se mantém, sempre, como prioridade, até que não existam mais brasileiros tratados de forma vil ou degradante, ou discriminados por raça, cor, credo, sexo ou opção sexual.

Marina Silva (PSB)

Candidata apresenta a proposta de criar estruturas para atendimento específico para idosos vítimas de violência e definir um marco regulatório nacional para os asilos.

Eduardo Jorge (PV)

Defende salário mínimo previsto na Lei Orgânica da Assistência Social pós-constituinte para todos idosos e deficientes muito pobres e que não tenham outro benefício de seguridade.

Governo do Estado

Raimundo Colombo (PSD)

Pretende fortalecer a rede de proteção social, por meio de ampliação da transferência direta de renda e de ações de apoio a jovens em áreas de risco, idosos e de capacitação profissional.

Paulo Bauer (PSDB)

Apresenta a proposta de criação do programa "EnVidaser" na área da saúde, que visa trazer qualidade aos idosos de Santa Catarina.

Claudio Vignatti (PT)

Candidato não cita propostas diretas para os idosos. Apresenta a ideia de melhorar as condições para a produção familiar de alimentos, que seria revertida para instituições de atendimento aos idosos.

Elpidio Neves (PRP)

Defende a criação da Coordenadoria Estadual do Idoso. Pretende desenvolver programas continuados de atendimento e amparo aos idosos e estimular o esporte a esse público.

Posição política

Eles querem lazer, acesso à educação, ao esporte. Querem se integrar à sociedade. "Precisamos da creche para o idoso e nem se fala nesse assunto", sugere João Gregório de Bem, 79. Querem também conhecimento. "Nossos anseios são grandes e custamos a ter acesso à informação. Você vota, mas não sabe como cobrar", exemplifica Wilson Manoel dos Santos, 57.

É por existirem dúvidas como as que atingem Wilson que o Neti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) decidiu realizar no primeiro semestre deste ano um curso de formação política. O professor voluntário Nelson Frederico Seiffert foi responsável pelas aulas. Para ele, "existe um erro de cálculo". "Muitos acham

que exercer a democracia vai só até o direito ao voto. Eles precisam estar dentro dos canais de acesso", afirma. Os canais apontados por Nelson são conselhos, grupos de debate, entidades com representatividade.

Para Nelson, as causas relacionadas à terceira idade ainda estão de fora da pauta dos candidatos à Presidência da República e ao governo do Estado. Por isso, eles decidiram agir. Das aulas de formação política saiu um documento que foi entregue a partidos políticos e entidades como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Ele lista as demandas apontadas pelos idosos e mostra o que esperam da política. Reflete que os anseios da terceira idade são os mesmos das milhares de pessoas que foram às ruas nas manifestações do ano passado: eles querem mudança.



Leia a mesa redonda que o ND realizou com os jovens e compare as ideias no ndonline.com.br/eleicoes2014

s dos s ao lo Jornal ia no om.br/

Notícias do Dia

Região

“Para fugir das bernunças”

Bernunças / Boi de mamão / São José / Litoral catarinense / Maricota / Feira da Freguesia / Centro Histórico de São José / Cultura popular / Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José / Caê Martins / Concurso / Adilson José Américo / Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche / Florianópolis / Luiz Antônio Patrício / Era Meu Boi / Bombinhas / Amazonas / João Franklin / Francisco Vale Pereira / Brasil / Folclore catarinense / Núcleo de Estudos Açorianos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Nelson Félix / Cultura açoriana / Praça Hercílio Luz / Djalma Luiz Monguilhott / Maria Ana Raimundo / Silvana Zunino / Leandro Rodrigues / Bianca Rafaela Martins

Para fugir das bernunças

Boi de mamão. Concurso em São José escolherá os mais belos personagens do folgado

MARCIANO DIOGO

Marciانو.diogo@noticiasdodia.com.br

@ND_Online

Uma disputa inusitada neste domingo ressaltará o folgado mais importante do litoral catarinense. O concurso para eleger os mais belos boi, maricota e bernunça será realizado durante a Feira da Freguesia, no Centro Histórico de São José, e premiará o vencedor de cada uma das três categorias com R\$ 2.000.

Seis concorrentes irão competir no concurso, cada um apresentando um boneco para cada personagem do boi de mamão. “Ao todo, serão 18 personagens avaliados pela comissão técnica, que é composta de historiadores, artesãos e carnavalescos. A ideia de realizar o concurso veio do trabalho pela manutenção e fortalecimento da cultura popular catarinense. E como o boi de mamão é uma manifestação dessa cultura que ainda segue forte, queremos chamar a atenção para a brincadeira”, explicou o superintendente da Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José, Caê Martins.

Os competidores do concurso, que vêm de diferentes regiões, se prepararam minuciosamente para o evento. “Nosso grupo mesmo fez a confecção dos bonecos e trabalha com boi de mamão há 20 anos, mas nunca participamos de uma competição semelhante. Estamos ansiosos e acredito que vamos para ganhar. Experiência nós temos”, afirmou Adilson José Américo, 38, presidente da Associação Folclórica do Boi de Mamão do Campeche, de Florianópolis.

“Criamos nosso grupo em julho e soubemos do concurso pelas redes sociais. Achamos uma ação bem inovadora, uma maneira de incentivar a cultura popular. Primeiramente o concurso era exclusivo para moradores da Grande Florianópolis, porém depois a organização fez uma retificação e agora nós conseguiremos participar. Se ganharmos, vamos investir o dinheiro na manutenção do grupo”, relatou Luiz Antônio Patrício, 23 anos, presidente do grupo Era Meu Boi, da cidade de Bombinhas, no Litoral Norte do Estado.



DISPUTA

Serão 18 bonecos avaliados na competição cultural no Centro Histórico

“Nunca participamos de uma competição semelhante. Estamos ansiosos e acredito que vamos para ganhar.”
ADILSON JOSÉ AMÉRICO,
DA ASSOCIAÇÃO DO BOI DE MAMÃO DO CAMPECHE



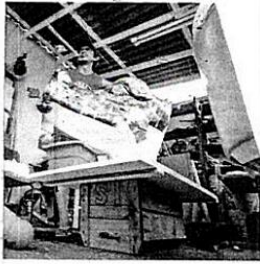
Artista plástico do Amazonas promete inovar

O amazonense João Franklin, 42 anos, faz bonecos para festas e carros alegóricos desde jovem. Com as mãos um pouco grudadas com a goma de tapioca, que utiliza para colar o jornal que possibilita a coloração dos bonecos, o artista plástico explicou que o concurso deste domingo será para ele uma maneira de aprender mais sobre a cultura catarinense. “Moro em São José há três anos, e conhecia pouco o boi de mamão. Na minha terra, alguns personagens são diferentes e chamamos de boi-bumbá”, disse o artesão, que deu feição aos bonecos dos personagens com isopor, goma, jornal e tintas.

Franklin contou que acabou tornando-se artista plástico naturalmente, porque tem interesse pela arte desde pequeno. “Fui por interesse e acabei aprendendo com os mestres da minha região. Creio que o concurso é uma maneira de divulgar o meu trabalho”, afirmou. O artista garante que suas peças serão as mais diferenciadas. “Vou dar mais movimento ao boi, deixar ele com um corpo mais comprido. A minha bernunça vai ter uma cara menos quadrada, semelhante à fisionomia de um dragão, e a Maricota vai ter um rosto menos artificial e mais humano”, completou Franklin.

Alegria.
Empresário Rodrigues (à dir.) levará filha Bianca para conferir o desfile de Djalma neste domingo





Descoberta. Há três anos em São José, Franklin confecciona pela primeira vez personagens do folclore catarinense



Tradição. Amigos Djalma e Maria recuperaram bonecos que ganharam de uma escola para fazer o povo se divertir com a folia dos antigos

Djalma e Maria querem mais é brincar

Os amigos Djalma Luiz Monguilhott, 81, e Maria Ana Raimundo, 74, souberam do concurso pelo falatório na comunidade do Centro Histórico de São José. A dupla, que vive na cidade, realiza ações em escolas municipais de São José ensinando os alunos a fazer marionetes. "Brincávamos mesmo de boi de mamão quando éramos pequenos. Ganhamos os bonecos a muitos anos de uma escola e agora estamos enfeitando eles para dar um destaque maior no concurso", contou o aposentado Djalma. A empolgação de Maria e

Djalma com o "Concurso do mais belo boi, maricota e berrunça" é ressaltada nos cuidados com que a dupla tem com a recuperação dos bonecos, que já receberam apelidos carinhosos. "Já colocamos um brilho a mais no Malhado [boi de mamão] e costuramos uma luva e um lenço bem bonito e colorido na Lurdete [maricota]", relatou Maria. A bibliotecária Silvana Zunino, 50, também aguarda ansiosamente o folgado que ocorrerá neste domingo. "É importante não deixarmos morrer a tradição e manter os costumes, para repassarmos às crianças as nossas

origens. O concurso vai ser muito bacana porque cada participante vai querer ter os bonecos mais bonitos. Vai ser um verdadeiro desfile de moda", brincou a professora, que trabalhará com contação de história para as crianças nesta segunda edição da Feira da Freguesia.

O empresário Leandro Rodrigues, 27, também afirma que levará a filha Bianca Rafaela Martins, 4, para a apresentação deste fim de semana. "A Bianca adora o boi de mamão. Acho a apresentação muito bacana porque mexe com o lúdico das crianças. Estaremos presentes neste domingo", completou o pai.

Maricota, a alemã desengonçada

De acordo com o historiador Francisco Vale Pereira, o folgado do boi de mamão é exclusivo do território catarinense, porém apresentações semelhantes existem em outras regiões do Brasil, com diferentes interpretações. Os primeiros registros no Estado são do fim do século 19. "O folclore catarinense não tem uma explicação e origem científica precisa. Ele é sempre muito criativo e dinâmico, porque depende das crenças e interpretações populares", afirmou o estudioso, que é historiador do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Francisco explica que a origem e representações das personagens variam de acordo com diferentes linhas de estudo. "Por influência açoriana, o boi representa morte e ressurreição; o perigo; o respeito que temos que ter pela natureza. A berrunça é inspirada em um

animal que se assemelha a um dragão, próximo do jacaré. Ela seria como um bicho-papão, um animal quase mitológico que come tudo o que vê pela frente. Representa o mal na peça, o que, traduzido por alguns populares, pode representar também o imposto de renda", afirmou o professor.

Já o historiador Nelson Félix confirma que a personagem maricota é inspirada nas imigrantes alemãs. "Por isso, é uma moça bem alta e grande, que é uma característica típica dessa etnia. Além disso, sua dança é bem desengonçada, ela mexe e bate os braços em todos que estão ao seu redor, assemelhando-se com a dança popular dos camponeses europeus", explicou. "Além de todos os personagens, o folgado faz várias alusões à cultura popular, entre elas a medicina, representada pela chamada benzedura", concluiu o historiador.

Feira resgata cultura açoriana

O "Concurso do mais belo boi, maricota e berrunça" será realizado na Feira da Freguesia, que ocorre todo segundo domingo de cada mês no Centro Histórico de São José. Nas barracas da feira é possível apreciar as comidas típicas açorianas, além de conhecer o artesanato local, comprar produtos orgânicos e antiguidades. O evento também conta com apresentações artísticas, shows e visitas guiadas pelos prédios históricos. Os restaurantes

do entorno da praça Hercílio Luz também deixam as portas abertas durante todo o domingo.

"A feira surgiu como agente impulsionador do programa de revitalização do Centro Histórico da cidade. Queremos ir além da reforma arquitetônica e incentivo à conservação. A ideia é trazer a comunidade para o convívio social", explicou o superintendente da Fundação de Cultura e Turismo de São José, Caê Martins.

PROGRAMAÇÃO

Confira as atrações do evento

Praça Hercílio Luz	
11h	Banda Marcial Asas do Ipiranga
11h30	Visita guiada ao Centro Histórico
11h30	Apresentação de loga, método Derosé
12h	Apresentação de danças urbanas
12h30	Quinteto Asas do Ipiranga
13h30	Maracatu, grupo Arrasta Ilha
14h	Teatro, Auto da Compadecida
14h	Visita guiada ao Centro Histórico
14h30	Show com Nelson Viana
15h30	Concurso do mais belo boi, maricota e berrunça
16h30	Grupo Sarau Afro-açoriano
Biblioteca	
14h	Contação de história
15h30	Contação de história
Museu Histórico Municipal de São José	
11-17h	Exposição: "Sobre Papel", da AcaP (Associação Catarinense dos Artistas Plásticos)
11-17h	Exposição: "Franciscos", de João Dias
Casa da Cultura	
11-17h	Filmes: Exibição de curtas-metragens
Ao lado da Igreja Matriz	
11-17h	Roda de dominó

Diário Catarinense

Obituário

"Júlio Doin Vieira"

Júlio Doin Vieira / Hospital de Caridade / Florianópolis / Medicina / Maçonaria / Espiritismo /
Universidade Federal de Santa Catarina / Maria Bernadete Doin Vieira / Cemitério São
Francisco de Assis / Itacorubi / Balneário Camboriú

Júlio Doin Vieira

O médico oftalmologista Júlio Doin Vieira, faleceu na madrugada de quinta-feira no Hospital de Caridade, em Florianópolis, aos 89 anos. Além da medicina, ele dedicou-se à maçonaria e ao espiritismo. Foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina e escreveu mais de 10 livros. Casado há 24 anos com Maria Bernardete Doin Vieira, deixa cinco filhos de um primeiro casamento, 10 netos e quatro bisnetos. O corpo está sendo velado no necrotério do Cemitério São Francisco de Assis, no Itacorubi, e será cremado segunda-feira, em Balneário Camboriú.

Diário Catarinense

Moacir Pereira

"Abandonado"

Comunidade universitária / Centro de Convivência / UFSC / Campus universitário /
Roselane Neckel / Reforma / Licitação



“Vão ser pagas as horas trabalhadas”

Sintufsc / Jornada de trabalho / 6 horas / Ministério Público Federal / MPF / Controladoria-Geral da União / CGU / UFSC / Roselane Neckel / Segurança / Ponto eletrônico / Flexibilização da jornada de trabalho / Campi da UFSC / Joinville / Araranguá / Blumenau / Curitiba / Unisul / Trindade / Rua Deputado Antônio Edu Vieira / Centro de Convivência / Licitação / Diretório Central dos Estudantes / Polícia Militar / Valdemir Cabral / Aldo Ávila / Cesar Grubba / Fazenda Assis Brasil

“Vão ser pagas as horas

MOACIR PEREIRA
moacir.pereira@gruporbs.com.br

PRESSIONADA PELO SINDICATO

dos Trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc), que exige diminuição da jornada de trabalho de oito para seis horas – sem redução de salários – e por recomendações e pareceres do Ministério Público Federal (MPF) e Controladoria-Geral da União (CGU) para o cumprimento da lei com jornada semanal de 40 horas, a reitora da UFSC, Roselane Neckel, diz que optou por diálogo e negociações com os funcionários. Ela também diz que vai cobrar o cumprimento da legislação, mas também procura uma nova cultura dos servidores e garante que quem não trabalhar as oito horas terá corte nos salários. Em entrevista concedida em seu gabinete, ainda aborda a segurança no campus e o ponto eletrônico.



Diário Catarinense – Qual é a sua posição sobre o cumprimento da jornada de trabalho e o ponto eletrônico?

Roselane Neckel – Nossa equipe tem destacado que o mais importante é a organização administrativa da universidade para atender sua missão maior que é a formação de pessoal. Sempre enfatizamos que qualquer decisão precisa ter amparo legal e técnico. A flexibilização da jornada de trabalho é motivo de estudos da gestão atual há dois anos. Quando assumimos, a primeira exigência dos funcionários foi a de que se fizesse a jornada de seis horas. Eu e a vice-reitora Lúcia tínhamos na campanha que qualquer mudança precisava de amparo legal. Segundo ponto: dimensionamento do número de técnicos administrativos que a UFSC tem hoje e o que representaria para a instituição essa mudança. O trabalho foi concluído e enviado aos setores. Para a nossa surpresa, o relatório apresentou razões para implantação da carga horária de 30 horas como regra geral. Isto é impossível. Fizemos um estudo jurídico que mostrava a impossibilidade legal de flexibilização como regra geral.

DC – Está, portanto, mantida a jornada de oito horas diárias?

Roselane – A decisão é clara: primeiro, o amparo legal; segundo, há uma necessidade da universidade ter cada vez mais servidores cumprindo a jornada para atender as necessidades e o desenvolvimento institucional.

DC – E os servidores que cumprem só seis horas?

Roselane – Ainda estamos recebendo as informações a partir de um diálogo institucional com as chefias e os técnicos administrativos. Temos a importância clara de sermos justos, amparados legalmente. Temos recomendação do Ministério Público Federal, orientação da Controladoria-Geral da União e a partir daí iniciamos diálogo sobre a situação. Foi emitida a portaria 043, de controle de frequência de assiduidade, através de folha ponto. A gestão anterior adquiriu um ponto eletrônico que não funcionou adequadamente. Temos inclusive um processo que foi concluído em julho que nos impede de adotar outras máquinas de ponto eletrônico.

DC – Por que o ponto da gestão anterior não foi aplicado?

Roselane – Porque não emitiam recibos e, segundo os pareceres, isto não seria legal. Os pontos foram recolhidos das

unidades. Não cionar e agora presa faliu.

DC – Que possível impacto institucional em r

Roselane – impossibilita isso, estamos na organização que diz: o diálogo é o controle social de problemas que trabalhamos. Nesta situação política diferente fazemos umções minorit no diálogo m o consenso. I o encaminhado conseguin diretores, pr Começamos que será test: ses. É necess de comprom máquina que

DC – E que Roselane

horas trabalhadas”



“

Receberemos os boletins de frequência neste fim de semana. Será feito o pagamento das horas efetivamente trabalhadas.

“

AUFSC está cercada pela cidade e não podemos apenas cuidar da segurança da universidade.

unidades. Não chegaram a funcionar e agora sabe-se que a empresa faliu.

DC - Quer dizer que não é possível implantar o ponto eletrônico em razão do processo?

Roselane - O processo anterior impossibilita a nova licitação. Por isso, estamos levantando a cultura organizacional da instituição, que diz: o diálogo é importante, o controle pelas chefias e a conscientização dos servidores são vitais no processo. Queremos saber qual é o problema de fazer o controle social do trabalho. Ou qual o problema de mostrar para a população que os servidores estão trabalhando. Nós não vemos problema nisso. O problema é que esta situação envolve posições políticas diferenciadas. Como não fazemos uma gestão com posições minoritárias, mas baseados no diálogo maioritário, buscamos o consenso. Este consenso sobre o encaminhamento mais adequado conseguimos em julho com os diretores, pró-reitores e chefes. Começamos com a folha ponto que será testada durante três meses. É necessário mudar a cultura de comprometimento. E não é a máquina que vai estabelecer isso.

DC - E quem não cumprir?

Roselane - Receberemos os

boletins de frequência neste fim de semana. Será feito o pagamento das horas efetivamente trabalhadas.

DC - O que a senhora pretende fazer até o fim do mandato?

Roselane - A prioridade agora é a consolidação dos quatro campi da UFSC em Joinville, Araranguá, Blumenau e Curitibanos. Os projetos estão encaminhados. Temos problemas, como todas as universidades em expansão. Parcerias com o governo do Estado, com a Unisul e com outras instituições têm permitido superar as dificuldades. Entre 2008 e 2012 tivemos poucas obras. Hoje, temos sete sendo concluídas no campus da Trindade.

DC - Por que tanto tempo (13 anos) para liberar a área da Rua Deputado Antônio Edu Vieira? O terreno foi liberado para a prefeitura?

Roselane - Não foi por burocracia. As coisas andaram, mas temos um acordo com a prefeitura. Ela encaminhou o projeto que está em fase de avaliação para parecer da UFSC e o projeto voltou à prefeitura para a cessão definitiva. Depende (agora) da prefeitura, pois o processo está com ela para os encaminhamentos. Eles precisam dar respostas definitivas

sobre o projeto da contrapartida do município.

DC - Por que o Centro de Convivência está abandonado?

Roselane - Não está abandonado. Em junho de 2012 foram retirados de lá 12 caçambas de lixo. Tivemos que definir prioridades com a construção de prédios para abrigar os novos cursos. A reforma do Centro de Convivência envolve projetos. Faltam os complementares. Pretendemos lançar a licitação até o fim do ano. O centro está sendo usado pelo Diretório Central dos Estudantes. E há um grupo de estudantes em trabalho de oficinas de grafiteamento que está utilizando o espaço.

DC - E o problema da segurança está resolvido?

Roselane - Fizemos vários esforços. Conversamos com o comandante da Polícia Militar, coronel Valdemir Cabral, com o delegado geral Aldo Ávila e com o secretário de Segurança Pública Cesar Grubba. Temos mostrado a importância da segurança interna da UFSC, que tem relevância com a segurança pública. A PM está fazendo as intervenções necessárias. Trabalhamos num protocolo para uma relação elevada. O comandante Cabral mostrou que os principais problemas de criminalidade não estão na UFSC, mas em outras regiões. Por isso, a PM optou por policiamento móvel. Mostramos a importância de garantir sensação de segurança.

DC - Portanto, o campus da UFSC não é mais território independente?

Roselane - Não é bem assim. É preciso esclarecer que nunca houve restrição à ação da polícia em casos de roubos, mortes, etc.

DC - Por que as esquerdas rejeitam a presença policial no campus da universidade?

Roselane - Os grupos de esquerda é que podem explicar. Creio que as regras precisam ser claras e estabelecidas. É preciso clareza que a UFSC não é mais a Fazenda Assis Brasil, que está cercada pela cidade e que não podemos apenas cuidar da segurança da universidade. Estamos buscando um protocolo de ações.

A Notícia Obituário

“Adeus a Júlio Doin Vieira”

Júlio Doin Vieira / Hospital de Caridade / Florianópolis / Medicina / Maçonaria / Espiritismo /
Universidade Federal de Santa Catarina / Maria Bernadete Doin Vieira / Cemitério São
Francisco de Assis / Itacorubi / Balneário Camboriú

Adeus a Júlio Doin Vieira

Faleceu na madrugada de quinta-feira no Hospital de Caridade, em Florianópolis, o médico oftalmologista Júlio Doin Vieira, aos 89 anos. Além da medicina, Júlio dedicou sua vida à maçonaria e ao espiritismo. Foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina e escreveu mais de dez livros. Casado há 24 anos com a assistente social Maria Bernardete Doin Vieira, deixa cinco filhos de um primeiro casamento, e dez netos e quatro bisnetos. A família resolveu esperar 72 horas antes de realizar a cerimônia de cremação do corpo de Júlio Doin Vieira, em respeito à uma tradição espírita. Por isso, seu corpo está sendo velado no necrotério do Cemitério São Francisco de Assis, no Itacorubi, e será cremado na manhã desta segunda-feira, em Balneário Camboriú.



DESPEDIDA
O corpo de Júlio
será cremado
hoje em Balneário
Camboriú

Diário Catarinense

Sua Vida

“Os fatores que impedem o tráfego pelo mar na Grande Florianópolis”

Mobilidade / Transporte marítimo / Grande Florianópolis / Tráfego / Ilha de Santa Catarina / Continente / Departamento de Transportes e Terminais do Estado / Deter / Baía de Babitonga / Joinville / São Francisco do Sul / Secretaria do Patrimônio da União / SPU / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Arnoldo Debatin Neto / Eduardo Barragan Serôa da Motta / Nildo Teixeira / Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis / Ibama / Instituto Chico Mendes / Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina / Fatma / Alexandre Waltrick Rates / Embarcações / B&B Barcos / Rio Guaíba / Rio Grande do Sul / Raul Machado / Biguaçu / São José / Florianópolis / Palhoça / Marinha do Brasil / Eduardo Freccia / Lagoa da Conceição / Valmir Piacentini / Canasvieiras / Sul da Ilha / Felipe Asmuz / Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis / Plamus / Bernardo Meyer / Tráfego Aquaviário da Marinha / Joares Pereira de Mello

Os fatores que impedem o tráfego pelo mar na Grande Florianópolis

DISCUSSÕES SOBRE TRAVESSIA das baías Norte e Sul começaram há quatro anos, mas o projeto não foi executado porque depende de permissões da União, aprovação de rota e segurança por parte da Marinha e liberação de licenças ambientais

HYURY POTTER
hyury.potter@diario.com.br

Uma via que poderia permitir o tráfego de pelo menos 10 mil pessoas por dia entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente está pronta, mas sem uso. Em vez de asfalto, o trajeto é formado pelas águas das baías Norte e Sul. Esta é a situação do sistema de transporte marítimo de passageiros de quatro municípios da Grande Florianópolis: após quatro anos de anúncios, promessas e projetos com orçamentos distintos, nada é realidade.

Sob responsabilidade do Departamento de Transportes e Terminais (Deter) do Estado, o projeto está na fase inicial para obter licença dos órgãos federais e ainda não tem a permissão dos municípios. Se na Capital não há previsão, no Norte do Estado a situação está adiantada, com o anúncio do governo sobre o retorno das embarcações de passageiros na Baía de Babitonga, interligando Joinville e São Francisco do Sul.

As primeiras conversas sobre a implantação do sistema na Grande Florianópolis começaram em 2010. Em abril do ano seguinte, com direito a passeio de catamarã, representantes dos quatro municípios, da Assembleia Legislativa e da Câmara da Capital assinaram um protocolo de intenções para viabilizar o novo modal. Três anos depois, o acordo expirou e a Secretaria do Patrimônio da União (SPU) afirma que só recebeu um pedido do Deter, mas com a documentação incompleta.

Para o arquiteto e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Arnaldo Debatin Neto, o poder público não pode esquecer de interligar o transporte marítimo a outros modais já existentes nas cidades:

– Não pode ser implementado isoladamente. E mais: é preciso ter tempo para adaptação, pois as pessoas não têm experiência nesse tipo de transporte.

INTEGRAÇÃO

Rota marítima projetada prevê ligação de Biguaçu a Palhoça



Embarcação de 77 lugares aguarda autorização para operar o trajeto entre os municípios do continente e a Ilha



Desentendimento entre os órgãos ambientais emperram as licenças

O procurador da República Eduardo Barragan Serôa da Mota abriu um inquérito em 2011 para acompanhar a implementação do transporte marítimo na Grande Florianópolis e sugeriu que órgãos federais de meio ambiente se responsabilizassem pela concessão de licenças.

Sem explicar quais documentos ainda estariam pendentes, o gerente hidroviário do Deter, Nildo Teixeira, evita falar em previsão para o começo do serviço.

– Enviamos o projeto para o

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Instituto Chico Mendes, mas ambos responderam que as áreas onde devem ser construídos os trapiches de embarque e desembarque não são de competência federal – explica Teixeira.

Como o transporte será feito apenas entre municípios catarinenses, a Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma) é a responsável pelas licenças.

O presidente da fundação, Ale-

xandre Waltrick Rates, revela que a análise do licenciamento deve se estender por mais alguns meses.

– O pedido de licenciamento do Deter para a Fatma foi protocolado dia 17 de julho deste ano. O prazo para análise é de 90 dias, mas ainda pode ser prorrogado caso os técnicos precisem fazer estudos na área. E se precisar de audiência pública, pode durar até um ano – justifica Rates.

Fora do prazo

No dia 24 de maio expirou o prazo do pacto feito entre municípios para viabilizar o novo transporte

Embarcações farão a travessia de até 170 passageiros por viagem

R\$ 7,50

É o preço da passagem estimado pela empresa B&B Barcos, responsável pela construção de trapiches e pelos barcos.

O Deter informa que, por ser um projeto experimental, não seria preciso fazer licitação e audiência pública para implementar o novo modal. A empresa B&B Barcos, que faz a travessia do rio Guaíba, no Rio Grande do Sul, seria a responsável por construir os trapiches e disponibilizar as embarcações. Segundo Raul Machado, proprietário da empresa, o valor da passagem está calculado em torno de R\$ 7,50.

– O preço da travessia pela

Grande Florianópolis dependeria do tipo de embarcação que colocariamos para operar. Temos três tipos: que podem transportar 77, 120 ou 170 pessoas – afirma Machado.

Com previsão de investimento inicial de aproximadamente R\$ 15 milhões para montar a infraestrutura dos trapiches, Machado calcula que poderia recuperar apenas parte da verba em dois anos. Por isso, espera que a licitação seja realizada em se-

guida ao período experimental.

– Se fizerem a licitação, será para a gestão do transporte por, pelo menos, 10 anos. Então seria mais interessante para qualquer empresa que pretende investir.

Para começar a operar, o projeto contaria com cinco trapiches, sendo um em Biguaçu, São José e Florianópolis e quatro em Palhoça. Além da construção da infraestrutura, seria preciso realizar a dragagem de algumas áreas das baías Norte e Sul.

Novo modal depende da aprovação dos municípios

Além da permissão da Secretaria de Patrimônio da União (SPU) e da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma), a implementação do transporte marítimo da Grande Florianópolis precisa que a Marinha do Brasil aprove as questões relacionadas à segurança de navegação e da rota.

Os municípios ainda precisam aprovar a instalação do novo modal, mas nem todos foram comunicados sobre o projeto que foi encaminhado para a SPU.

– Até o momento, o Deter não solicitou o envio de nenhum documento para esta questão – informa Eduardo Freccia, secretário-adjunto de Planejamento e Infraestrutura de Palhoça.

Em Florianópolis, onde já existe transporte na Lagoa da Conceição, a proposta está sendo analisada pela Procuradoria-Geral do Município. Secretário de Mobilidade, Valmir Piacentini lembra de testes feitos no começo do ano:

– Já testamos as linhas do centro para Canasvieiras, Sul da Ilha e Continente, mas o município não tem dinheiro para fazer isso sozinho – argumenta.

SÃO JOSÉ É A ÚNICA CIDADE A DAR PARECER POSITIVO

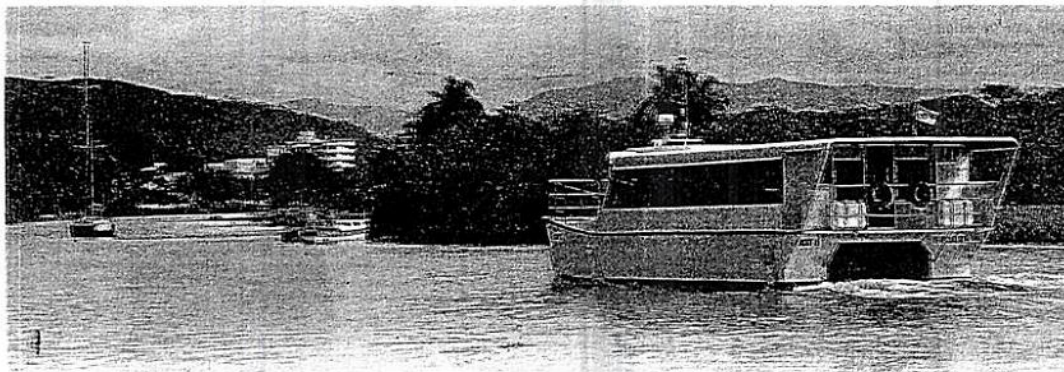
Antes de aprovar o projeto, o secretário de Planejamento de Biguaçu, Felipe Asmuz, informa que prefere esperar as conclusões do Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis (Plamus), que deve ser finalizado neste ano.

– O Deter solicitou o posicionamento de um ponto específico na área central para o trapiche, mas nós da secretaria estamos redefinindo esse local em função de uma reestruturação de toda a malha viária do município – afirma.

Até início do mês, São José era a única cidade a dar resposta positiva ao Deter, mas o secretário municipal de Planejamento, Bernardo Meyer, afirma que ainda devem discutir detalhes do projeto:

– Gostariamos de pedir futuramente mais um terminal na cidade. Tudo depende do Deter, mas acredito que a travessia comece a ser feita em meados de 2015.

Chefe do departamento de Segurança do Tráfego Aquaviário da Marinha, Joares Pereira de Mello afirma que não recebeu solicitação do governo estadual para a liberação do serviço. ■



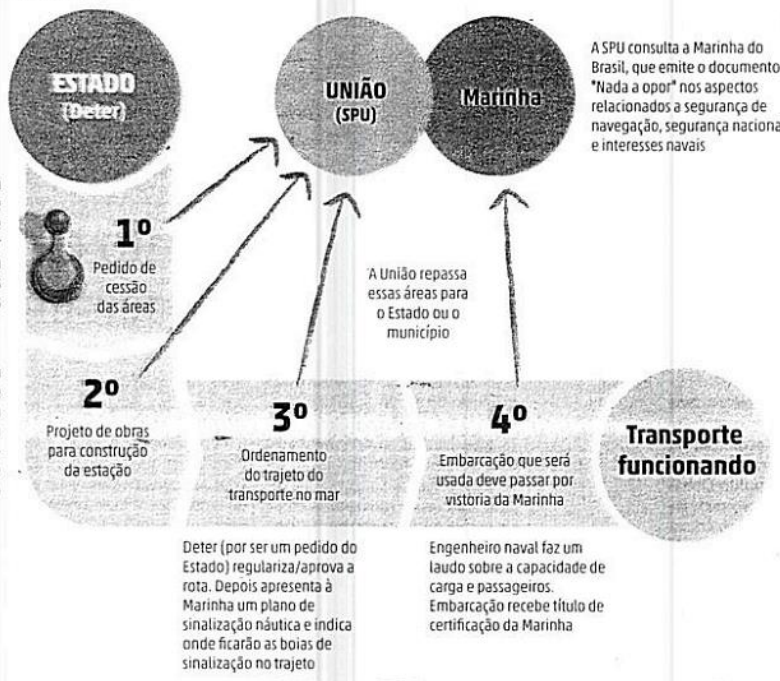
ETAPAS ATÉ O COMEÇO DA NAVEGAÇÃO



Atual fase do processo

Pedido de cessão das áreas para a construção dos trapiches de embarque e desembarque. Além disso, deve enviar a licença ambiental (emitida por Fatma ou Ibama, dependendo da região) e o parecer favorável dos municípios envolvidos

Projeto de obras para construção da estação de embarque/desembarque deve ser encaminhado para SPU/Marinha. Marinha observa segurança da navegação, salvaguarda da vida humana no mar e ordenamento do espaço aquaviário



Diário Catarinense
Moacir Pereira
"UFSC: burocracia e gestão"

UFSC / Burocracia / Gestão / Universidade Federal de Santa Catarina / Roselane Neckel /
Ponto eletrônico / Álvaro Prata

UFSC: BUROCRACIA E GESTÃO

Uma das revelações feitas pela reitora da Universidade Federal de Santa Catarina, professora Roselane Neckel, em entrevista publicada na edição de domingo sobre as crises que sua gestão vem enfrentando há mais de dois anos, refere-se ao impasse do ponto eletrônico.

Procedimento absolutamente rotineiro, normalíssimo, em qualquer empresa ou repartição pública, está transformado numa novela interminável na UFSC, instituição que, por natureza, deveria ser exemplo em todos os setores de atividade, até pelo caráter pedagógico de sua atuação.

A adoção do ponto eletrônico – controle elementar do serviço efetivamente prestado pelos empregados – virou cavalo de batalha dentro e fora da Universidade.

Há décadas, segundo a reitora, ninguém controla o ponto dos professores e dos servidores técnico-administrativos. Uma situação escandalosa. Quem não controla ponto, não sabe da presença, nem da produção e menos ainda da produtividade.

Quando assumiu a reitoria há dois anos e quatro meses, a reitora encontrou um processo tramitando desde 2011, oriundo da gestão Álvaro Prata, para implantação do ponto eletrônico. O sistema era falho, não previa recibo e está sendo anulado agora, três anos mais tarde, depois da empresa decretar falência.

A professora Roselane Neckel garante que vai exigir que a lei seja cumprida, com a jornada de 40 horas semanais. O descrédito na UFSC é grande, pela pressão do sindicato e pelo poder das esquerdas.

Diário Catarinense
Moacir Pereira
"Júlio Doin Vieira"

Júlio Doin Vieira / Balneário Camboriú / Detran / Faculdade de Medicina / UFSC / Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa / Unisul / Dicionário de Termos Indígenas / Eugênio Doin Vieira / Paulo Afonso Vieira

JÚLIO DOIN VIEIRA

Será cremado hoje, as 8h, em Balneário Camboriú, o corpo do professor e médico oftalmologista Júlio Doin Vieira. Durante décadas atuou como médico credenciado no Detran e lecionou na Faculdade de Medicina da UFSC. Nos últimos anos dedicou-se à pesquisas intensas. Publicou livro inédito sobre *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa*. Deixou com a Unisul o *Dicionário de Termos Indígenas*, também singular. Irmão do ex-deputado Eugênio Doin Vieira e tio do ex-governador Paulo Afonso Vieira.

Diário Catarinense

Estela Benetti

“Biogás pode suprir demanda de SC”

Biogás / Santa Catarina / SC / Gás natural / Bolívia / Usinas / Dejetos / SCGás / Pomerode / Antônio Rogério Machado / Alemanha / UFSC

BIOGÁS PODE SUPRIR DEMANDA DE SC

Atualmente, Santa Catarina utiliza 2 milhões de metros cúbicos de gás natural da Bolívia. Se investir em usinas de biogás utilizando dejetos de suínos, de aves e de aterros sanitários, o Estado poderá gerar mais de 3 milhões de metros cúbicos de biogás, o que supriria toda sua demanda de gás natural e geraria excedente, proporcionando mais renda e qualidade de vida no interior. Tanto a

SCGás, distribuidora de gás natural, quanto as agroindústrias estão mais animadas com nova tecnologia alemã adotada em planta-piloto inaugurada na última semana em Pomerode: além de evitar a poluição ambiental, ela gera biogás e um fertilizante.

Segundo Antônio Rogério Machado, engenheiro de tecnologia da SCGás, a Alemanha conta com 8 mil unidades de produção de biogás. Lá, agropecuaristas, além de terem plantas que geram energia

e gás para suas propriedades, contam com excedente de gás combustível que vendem em postos próprios para clientes das regiões onde vivem. Em SC, por enquanto há falta de projetos e de investidores, mas isso pode mudar com o avanço tecnológico.

Conforme Machado, o estudo sobre o potencial do Estado foi feito pela UFSC em 2008, quando SC tinha 6 milhões de cabeças de suínos. Como hoje são cerca de 10 milhões, a geração pode ser bem maior.

Notícias do Dia

Especial

“Na asas do aerodesign / Asas ao conhecimento”

Aerodesign / UFSC / Avião / Sae Brasil Aerodesign / Santa Catarina / São José dos Campos / São Paulo / Universidade Federal de Santa Catarina / Céu Azul Micro / Aerodesign East Competition / Estados Unidos / Bruno Fernandes Barkemeyer / Engenharia Mecânica / Céu Azul Aeronaves / Joinville / Udesc / Universidade do Estado de Santa Catarina / Albatroz AeroDesign / Albatroz Aerodesign Micro / Rafael Araújo Lehmkuhl / Brasil / Venezuela / México / Peru / Polônia



Competição. Equipe de estudantes da UFSC que projetou avião bimotor é uma das concorrentes catarinenses no Sae Brasil AeroDesign que coloca em prática o aprendizado aeroespacial. Página 3



FOTOS: ROSANE LIMA/AN

Nas alturas. Estudantes da equipe Céu Azul Micro, da UFSC, apresentarão um avião bimotor

Asas ao conhecimento

Aerodesign. Estudantes de universidades do Estado criam protótipos para competição

FELIPE ALVES
felipe.alves@noticiasdodia.com.br
 @felipealves_ND

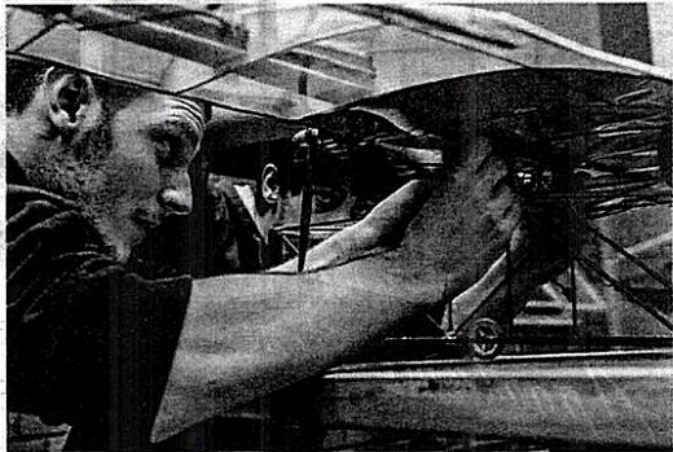
Quinta colocada entre 23 equipes na categoria micro da competição Sae Brasil AeroDesign, a equipe Céu Azul Micro volta a competir este ano com um avião bimotor no desafio lançado aos estudantes de engenharia de todo o país e do exterior. O objetivo das equipes é integrar conhecimentos práticos de engenharia aeronáutica, desde a concepção, o projeto detalhado até a construção, os testes e a competição de um projeto aeronáutico. Neste ano, na 16ª edição do desafio, participam cinco equipes de Santa Catarina, que competirão em São José dos Campos, São Paulo, entre 30 de outubro e 2 de novembro.

Dez alunos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) formam a equipe Céu Azul Micro que, este ano, participará com um avião monoplane com asa alta, construído com madeira balsa e tubos de fibra de carbono. Com o novo modelo bimotor impul-

sionado por energia elétrica, eles buscam mesma posição em que ficaram em 2012: o primeiro lugar, que os levou ao maior campeonato mundial neste quesito, o Sae Aerodesign East Competition, nos Estados Unidos.

"O objetivo da competição é conseguir colocar em prática nosso aprendizado na área espacial. Para isso, temos que fazer o protótipo mais eficiente possível", destaca Bruno Fernandes Barke-meyer, 22, capitão da equipe e estudante de engenharia mecânica. Durante sete meses, eles trabalharam no projeto, que começou a ser colocado em prática em agosto deste ano.

A UFSC participa da competição Sae Brasil AeroDesign desde o início do desafio. Em Florianópolis, são duas equipes, a Céu Azul Micro e Céu Azul Aeronaves, que participam de categorias diferentes, e o campus de Joinville compete com a equipe Cem Asas. A Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) tem duas equipes: a Albatroz AeroDesign e a Albatroz Aerodesign Micro.



Tecnologia. Protótipo do Céu Azul Micro foi construído com madeira balsa e tubos de fibra de carbono

Desafio reúne 95 equipes de todo o mundo

Para São Paulo, a equipe Céu Azul Micro levará três modelos, que deverão completar cinco voltas de forma eficiente, sem deixar cair nenhuma peça ou carga. Na categoria em que eles participam, a micro, o protótipo precisa carregar 40 bolinhas de tênis. "Quanto mais leve conseguirmos fazer o avião, melhor. Assim, ele gastará menos combustível e poderá transportar mais carga", explica Rafael Araújo Lehmkühl, 21, estudante de engenharia mecânica.

As provas, realizadas sempre em São José dos Campos, são divididas em duas etapas: a competição dos projetos e a competição dos voos práticos. Este ano, participam 95 equipes, divididas nas categorias classe regular (64 equipes), advanced (cinco) e micro (26). Cada grupo é responsável por transportar determinada carga útil em voo, ou seja, deve levar certa quantidade de peso sem falhas durante o voo de 61 metros, que dura quase um minuto.

Além de estudantes de engenharia do Brasil, a competição também conta com alunos da Venezuela, México, Peru e Polônia. São mais de 1.300 competidores, entre estudantes, professores orientadores e pilotos. Duas equipes da classe regular, uma da classe advanced e uma da classe micro que obtiverem as melhores pontuações ganham o direito de representar o Brasil na Sae Aerodesign East Competition, em 2015, nos Estados Unidos.

Notícias do Dia

Estado

“Lida rural no meio urbano”

Ratones / Odilon Francisco Alves / Urbanização / Trindade / Córrego Grande / Saco Grande / Praia do Forte / Jurerê / Aderbal Ramos da Silva / Leandro de Jesus Lisboa / Curso de Engenharia Civil / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Servidão Manuel Amaro Nunes Pinheiro / Costa da Lagoa / Antônio Manoel Bernardo



GONCALVES/ISTOCK

Bom negócio. Ex-pescador, Odilon fornece hortaliças para vizinhança e supermercados das praias

Lida rural no meio urbano

Ratones. Tradição agrícola resiste à urbanização sofisticada do bairro interiorano

EDSON ROSA
redacao@noticiasodia.com.br
@ND_online

Cercado de casas luxuosas em condomínios cada vez mais sofisticados, onde as propriedades custam de R\$ 300 mil a R\$ 2 milhões, o agricultor aposentado Odilon Francisco Alves, 72, descarta os pés de alface que já passaram do ponto. No canteiro ao lado, as novas mudas esperam o momento de transplante ao lado das rúculas, couves, salsinhas e cebolinhas cultivadas com adubo orgânico produzido pelo próprio gado leiteiro e, mais tarde, expostas nas gondolas de supermercados em Jurerê.

Para a vizinhança, a venda na própria horta onde são colhidos 1.200 pés de alface por semana rende preços bem mais em conta em comparação às feiras da região. Sem adubação química, a irrigação com água pura captada em nascentes nos fundos do terreno é outra garantia de qualidade. “É assim que trabalhamos desde o começo e conquistamos a clientela”, resume o produtor, um dos últimos da estrada João Januário da Silva, a geral de Ratones.

O novo perfil do bairro, cada vez mais procurado para condomínios de luxo, chácaras e sítios, não altera a rotina de Alves, que cria

gado nos fundos de casa e mantém as características rurais ao lado da urbanização crescente. “Ainda tem espaço para produzir, mas Trindade, Córrego e Saco Grande já foram iguais. Em duas décadas, a cidade chegará aqui”, reflete o agricultor, que antes de casar pela primeira vez e se mudar para Ratones, há 50 anos, era pescador na praia do Forte, em Jurerê. Cresceu no engenho dos avós, mais tarde vendido ao ex-governador Aderbal Ramos da Silva. “Onde hoje é o clube 12 de Agosto”, explica.

De acordo com pesquisa do acadêmico Leandro de Jesus Lisboa, do curso de engenharia civil da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o mercado imobiliário da região sempre possuiu um volume em vendas pequeno devido à quantidade de oferta. Mas cresce lentamente nos últimos cinco anos, com a implantação de condomínios fechados e loteamentos que proporcionam novos negócios e movimentam o mercado.

Por ser área rural, a maioria dos negócios gira em torno de chácaras e sítios, aponta a pesquisa. Outro tipo de imóvel também procurado na região, segundo o estudo de Leandro de Jesus Lisboa, são os terrenos, tanto para construção de moradias quanto para implantação de galpões de empresas.



Feijãozinho. Renilda cultiva no quintal de casa o alimento que prepara todos os dias

Qualidade de vida à moda antiga

Na servidão Manuel Amaro Nunes Pinheiro, que mais acima é a trilha que leva ao Saquinho da Costa da Lagoa, quase todas as casas estão cercadas por quintais com hortas para saladas e temperos orgânicos. O adubo é produzido ali mesmo, ao lado, no galinheiro onde são recolhidos ovos de gemas avermelhadas e o frango mais velho do plantel garante o ensopado de domingo. Na vizinhança, quem ainda não foi fígado pela tentação das imobiliárias, aproveita o restinho da terra deixada pelos avós e sabe esperar o tempo certo de cultivar pequenas roças de cebola, alipim e feijão.

Tudo para o consumo doméstico, como resquício da tradição agrícola do

lugar que resiste entre condomínios sofisticados ou chácaras com mansões suntuosas e piscinas no jardim. Simplicidade que garante a qualidade de vida para famílias como a de Renilda Osmarina, 43, e Antônio Manoel Bernardo, 44, que não servem aos filhos apenas saladas orgânicas ou ovos e galinha caipira.

Na casa deles, o feijão que ferve no fogão a lenha, reforçado com batata doce, repolho e abóbora, também cresce no solo fértil ao lado da cozinha. “Só compramos no finalzinho da safra”, explica a mulher, em meio à plantação com colheita prevista para o verão. O peixe, eles descem o rio para pescar.



- Criação do Distrito: Lei nº 620 de 21 de junho de 1934
- População: Cerca de 3.700 moradores
- Território: 33x12 km²
- Principal acesso: SC-401/Norte
- Distância do Centro: 25 km



Notícias do Dia
Plural
"Vestígios do Silêncio"

Dança / Camila Miranda / Meline Costa / Solos de Silêncio / Casa das Máquinas / Prêmio Elisabete Anderle / Alice Assal / Diana Gilardenghi / Jorge Linenburg / Marcello Serra / André Lepecki / Thiago de Mello / Ida Maria Freire / UFSC



4 PLURAL - NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2014

Conjunção.
Num solo de
argila ou areia,
as intérpretes
e criadoras
inter-relacionam
gestos e
silêncios

Vestígios do Silêncio

AUGUSTO MURAD/DIVULGAÇÃO/ND

Dança. Trabalho de Camila Miranda e Meline Costa evidencia o que não é dito



*IDA MARA FREIRE
ida.mara.freire@ufsc.br

Existe muita coisa dentro do silêncio, descobrem Camila Miranda e Meline Costa, intérpretes criadoras do espetáculo "Solos de Silêncio", apresentado em 5 de setembro na Casa das Máquinas, contemplado com o Prêmio Elisabete Anderle.

Em cena as mãos das dançarinas tateiam a terra. A menina espectadora analisa a composição do solo ali exposto: seria argila, areia, silte... Solo. 1. Superfície sólida da crosta terrestre onde pisamos e construímos; 2. Bailado executado por só dançarino; 3. Primeiro voo que o aluno de pilotagem faz sozinho, desacompanhado do instrutor. Escavo o solo silenciosamente a procura de palavras ainda vivas.

Como escavar o movimento criativo e os modos de reconstrução do espaço para lidar com o

conflito e a diferença numa dimensão dual? Ao colaborar com a pesquisa do espetáculo, Diana Gilardenghi atualiza o papel do coreógrafo como aquele que pergunta, ouve atentamente e divide a responsabilidade com o outro. Esmera-se em atentar para o que não é dito, mas é dado pela expressão facial, os gestos e a linguagem corporal, busca com isso a inter-relação entre gestos e silêncio.

Mas os dois corpos, vestidos por Alice Assal, resistem ora calçados com suas botas ora com os pés livres na terra. Insistem e transbordam além das linhas e formas de um sistema complexo onde incessantemente vivem organizações, inércias, desorganizações e processos caóticos. Ao redor do tecido pendente do teto ao chão, tecem com o público a veracidade das tramas que exacerbam o fato de que estamos a todo momento construindo e reconstruindo aquilo que somos e buscamos ao ser e ao estar com o outro.

O silêncio no corpo é contenção, afina assertivamente a sonoridade de Jorge Linenburg. É assumir a cadência de uma trilha interior. A música

anuncia um outro destino. Pausa, para mover-se para outra direção. Uma dança que vem do chão, iluminada rasteiramente por Marcello Serra, luminosidade que rastreia o tropeço e demarca o estilhaço de ser um em dois. No mover-se na horizontal, acompanha-me André Lepecki, estudioso desse corpo que abraça a horizontalidade só por um momento ou para o resto da vida. Os "Solos de Silêncio" desafiam a plateia a explorar a temporalidade daquilo que se ganha quando se perde verticalidade, e do que se alcança quando se ganha horizontalidade.

"Num campo de silêncio, onde pastam manhãs, estou pelo que sou" as palavras de Thiago de Mello revelam os vestígios desse espetáculo que corrompe as estruturas inertes com uma obstinada sensibilidade, convidando o leitor e a leitora enraizarem a coexistência no solo do coração.

(* Professora Associada do Centro de Ciências da Educação da UFSC, pós-doutorado em dança na Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul.

Enfoque Popular Saúde

“Contagem regressiva para instalação do curso de Medicina”

Curso de Medicina / Instalação / Araranguá / Interiorização / Sandro Roberto Maciel /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Vestibular / Unisul / Vinícius Ximenes /
Secretaria Municipal da Saúde / Roselane Neckel / Paulo César Leite

Contagem regressiva para instalação do curso de Medicina

Com outros quatro cursos já em funcionamento em Araranguá, a implantação do curso de Medicina no campus faz parte do processo de interiorização da Federal.

Araranguá

Lideranças do extremo sul catarinense, entre as quais o prefeito de Araranguá, Sandro Roberto Maciel, participaram nessa sexta-feira, 12, de uma reunião que tratou exclusivamente sobre a implantação do curso de Medicina na cidade das avenidas. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) reiterou que já iniciou contagem regressiva para a instalação da graduação. Um dos cursos mais concorridos do Estado vai oferecer 60 novas vagas a partir de 2016.

A Universidade Federal calcula que realizará investimentos na ordem de R\$ 72,5 milhões para reformar o prédio onde hoje está instalada a Unisul, na SC-447, bairro Jardim das Avenidas, que deve sediar o curso, montar laboratórios e contratar professores.

O vestibular é um dos mais concorridos.

A implantação do curso no Campus da UFSC em Araranguá já atrai moradores de outras cidades e estados. Para termos uma ideia, no último vestibular da UFSC, 104 candidatos disputaram cada uma das vagas disponíveis para o curso de Medicina. Com outros quatro cursos já em funcionamento em Araranguá, a implantação do curso de Medicina no campus faz parte do processo de interiorização da Federal. A graduação deve funcionar no campus da Unisul, que é mantida por uma fundação e pela mensalidade dos alunos. Com isso, a Unisul está vendendo o campus de Araranguá para a UFSC por aproximadamente R\$ 13 milhões. A Unisul ficará instalada em outro prédio, situado a aproximadamente 200 metros do atual.

Durante a reunião desta sexta-feira foram apresentados relatórios dos trabalhos realizados pela comissão municipal e pela comissão da UFSC que trabalham para atender as necessidades do curso de Medicina, que terá sua formação voltada ao Programa de Saúde da Família. Uma série de ações paralelas está sendo desenvolvida.



Foto: Ilustração

Além do prefeito Sandro Maciel e de representantes da Secretaria Municipal da Saúde, Vinícius Ximenes, do Ministério da Educação e Cultura e outros profissionais do MEC, além da reitora da UFSC Roselane Neckel e do diretor do Campus de Araranguá, Paulo César Leite Esteves estiveram presentes.

Em 2015, à UFSC, Campus de Araranguá, vai realizar o primeiro processo seletivo para o curso de Medicina. “Será a primeira vez que o curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina será instalado fora de Florianópolis, por isso estamos fazendo um trabalho coletivo e detalhista”, disse o prefeito Sandro Maciel.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 13/09/2014

[Inscrições para o vestibular 2015 da UFSC abrem nesta terça-feira](#)

["Será feito o pagamento das horas efetivamente trabalhadas", afirma reitora da UFSC sobre greve dos servidores](#)

Notícias dia 15/09/2014

[Alunos da UFSC e Udesc participam de competição de aerodesign em São Paulo](#)
[Inscrições para o Vestibular 2015 da UFSC abrem nesta terça-feira](#)

[Começam nesta terça-feira \(16\) as inscrições para o vestibular da UFSC](#)

[Alunos da UFSC participarão de competição nacional de projetos automotivos em São Paulo](#)

[Pesquisa de professor da UFSC analisa relação entre discriminação e transtorno mental](#)

[Universidades do Sul do Brasil discutem ações afirmativas em Fórum na UFSC a partir desta terça-feira](#)

[Inscrições para o vestibular da UFSC começam nesta terça-feira](#)

[UFSC e MEC debatem expansão dos Cursos de Medicina para Curitiba](#)

[Administração de Urupema prestou contas à comunidade](#)